

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

NUMERO 8.

1 DE DEZEMBRO DE 1876

(236.º ANNIVERSARIO DA RESTAURACAO DE PORTUGAL EM 1640.)

VIVA



PORTUGAL

INDEPENDENTE E LIVRE!

VIVA!

VIVA!

VIVA!

CAPTIVEIRO

1580-1640

*Ou vencer ou morrer com gloria pura
Seja enfim permitido ao luso braço:
Com as armas na mão acabe a guerra,
Ou se morra, ou se salve a patria terra.*

Correia de Mello, Joanncida, C. V., E. 88.

Vêde o guerreiro homérico,
triumphador d'outrora,
—guebro ou pária, agora
de negra humilhação.
Em cada um dia um seculo,
um anno em cada instante,
indica-lhe o quadrante
de ferrea escravidão.

No encêrro escuro e algido,
cil-o em terra prostrado!
Um lábaro enrolado
fita sem altivez.
E cobrem-no as insignias;
d'heroe invicto. Olhae-o:
—Cospem a luz do raio
as malhas do arnez.

Na frente megestatica
o loiro e a palma enlaça;
e no broquel que abraça
radia o nome seu.
Dos hombros desce a clamyde
do Genio da victoria,
a qual nume da Gloria
por suas mãos teceu.

Surje, guerreiro indomito!
O jugo faz pedaços,
e arroja em estilhaços,
á face do oppressor!
Alteia a frente olympica!
A noite é ja passada!
Accorda!—E' madrugada,
ó velho luctador!

Quem pleiteará glorias
á tua excelsa gloria?!
Redize-lhes a historia
d'um só dos teus laureis.
Eia! desdobra o lábaro,
—o teu poema ingente—
e aponta-lhe' o Oriente
curvado ás tuas leis...

Memora o feito altisono
que sôbre o mauro escombro,
fez o teu nome — assombro,
fez o teu nome — altar.
Na sua dobra amplissima
debalde o tempo o some...
para viver teu nome
basta o pregão do mar...

Surge, guerreiro indomito!
O jugo faz pedaços,
e atira em estilhaços,
ás faces do oppressor!
Alteia a frente olympica!
A noite é ja passada!
Accorda!—E' madrugada,
ó velho luctador!

DIAS FREITAS.

REDEMPCÃO

*«Viva o Quarto João, do throno herdeiro!
—Troço d'heroes em Ulyssea brada:
«Viva João—repete o reino inteiro:
Súbita exulta a patria restaurada.*

CONSELHEIRO VIALE — Bosquejo Metrico
da Historia Portugueza Cant. IV. Oit. I.

A DEZEMBRO DE 1640

Eis uma grande data a recordar um grande feito.

Eis compendiada na memoria de um dia a heroicidade de um povo.

1640! uma aurora illuminada de jubilos e uma epopeia opulenta de proezas, um despotismo, que baqueia, solugando maldições, e uma redempção, que se annuncia, entoando hymnos!

A gloria de um dia resgata nobremente o vilipendio de sessenta annos.

Apóz a orgia infrene da tyrannia, que se cevára na sua preza, o festim augusto da liberdade, que reevindicava o seu direito.

Para firmar o seu detestado dominio e assentar o seu incomportavel jugo, Castella esgotára os sinistros expedientes da corrupção e da força.

Entendiam os desavisados e crueis oppressores, que, conculcados os nossos foros, desgarnecidas as nossas fortalezas, e exauridas por pezadas imposições as nossas forças, seria facil extinguir nos opprimidos a derradeira seiva de vitalidade, e chumbar perpetuamente o athaude, onde lóra encerrada uma gloriosa nacionalidade.

Eganava-se em seus nefarios planos a tyrannia sem conselho e sem entranhas.

Sessenta annos de servidão durissima e affrontosa fôram escola de adversidade, em que se ergueram os nossos espiritos; fôram fragoa de provação, em que se apuraram os nossos brios; fôram testemunhas de um doloroso martyrologio, em que se recobravam forças, ao passo que se expiavam culpas.

O gigante jazia oppresso e desconjunctado; mas não podia ageitar-se-lhe ao corpo a mortalha composta com os fragmentos lacerados da purpura, que elle desdobrara pujante e victorioso sobre as aguas de todos os mares e sobre as ribas de todos os continentes.

Castella tudo podia, menos apagar no espirito d'este povo a idea da liberdade, e a aspiração da independencia.

Com as lagrimas vertidas em tantos annos de abatimento e angustia, andaram nossos paes a deir as nodoas de 1380, e a apparellhar no baptismo d'hoje a libertação d'amanhã.

Dos abysmos da sua dôr desentranha este nobre povo os thesouros do seu patriotismo.

O dia 1.º de Dezembro de 1640 surge radioso e festivo a annunciar aos filhos de Portugal, que eram cumpridos os seus votos, rotos os seus grilhões, reparadas as suas affrontas, e reconquistada em fim a sua independencia.

A conspiração desenhada por alguns fidalgos, é já a revolução saudada por todo um povo.

A honrada bandeira, que ondeára recingida de palmas em Ourique e Aljubarrota, levanta-se das sombras do opprobrioso captivoiro, e varridas as côres do infortunio, desfralda-se ufana e fervidamente acclamada, como nos seus mais formosos e esplendidos dias.

O mesmo jubilo reluz em todas as frentes; o mesmo grito rebenta de todos os corações; a mesma palavra estremece em todas as vozes; e de uma a outra extrema de Portugal os eccos de suas montanhas repetem em unisona e faustissima consonancia: — Liberdade.

Grande exemplo e memoranda lição.

Sem reis e sem exercitos, consultando só o seu esforço e invocando o seu direito, Portugal salvou-se a si mesmo, e alevantando um rei e creando um throno, insculpio no seu espaldar com o dictado da sua soberania o emblema da sua independencia.

Aprendamos neste feito heroico, traslado e espelho de hombridade, de coragem, de

abnegação e de patriotismo, a avivar em nosso espirito o culto desinteressado da patria e a leal observancia das virtudes austéras e dos sentimentos magnanimos, que são a mais alta gloria de um povo e o esteio mais firme das nacionalidades.

Se a força esmaga, a corrupção envenena.

E foi a corrupção moral nas suas formas [mais lastimosas, que alhanou caminho franco e desimpedido á tyrannia, que antes de violar em 1580 o solo sagrado da patria, celebrava já ao longe os funeraes da nossa independencia.

Devem as memorias do passado affervorar virtudes no presente. Que o heroico esforço e a auspiciosa revolução de 1640 entranhem bem profundamente no animo deste povo uma verdade ensinada pela experiencia, e consagrada pela historia :

Só os povos, que sabem cumprir o seu dever, podem fazer acatado o seu direito.

J. Alves, Matheus.

EPOPEAS DA RESTAURAÇÃO

«Cesse tudo o que a musa antiga canta,
«Que outro valor mais alto se alevanta!

LUIZ DE CAMÕES—Lusiadas, Cant. I. Oit. III.

I.

Entre as muitas epopeas da litteratura portugueza—rica n'esta especie como outra nenhuma—dois poemas ha de vulto, consagrados á heroicidade da restauração de 1640.

E' um a *Lusitania Restaurada* do Padre Vicente de Gusmão Soares, nascido em Lisboa em 1606, tendo por progenitores a Lopo Henriques de Gusmão e a Isabel Soares Pereira.

E' outro o *Phenix da Lusitania* de Manuel Thomaz, nascido em Guimarães em 1585, tendo por progenitores a Luiz Gomes de Medeiros e a Grácia Vaz Barbosa.

II.

Enobrece o renome do nosso Vicente de Gusmão, o ser iniciado na lingua latina em Lisboa—no collegio dos Padres Jesuitas—pelo nosso famigerado Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, cognominado na sua epocha o *memorião encyclopedista*, e oriundo do Botão a duas leguas de Coimbra.

Não o enobrece menos, o ser acabado d'aperfeição na latinidade no Porto, com o famigerado Padre João Nunes Freire, oriundo da mesma rainha do Douro, e ornamento do magisterio na sua idade.

III.

Enobrece o renome do nosso Manuel Thomaz, o ser primo materno do famigerado juriconsulto Agostinho Barbosa—bispo d'Ughento em Napoles na Italia, um dos maiores ornamentos litterarios vimaranenses, e filho digno do famigerado Manuel Barbosa, commentador egregio das nossas leis do reino, fallecido na sua Quinta d'Aldão nos suburbios de Guimarães.

Não era mister ainda—para romate d'este enobrecimento—o ser quarto neto d'outro famigerado Manuel Tomaz, de quem assim diz na sua *Miscellanea* o nosso Garcia de Resende, na *Chronica do rei D. João II*:

«Em Evora vi um menino,
«Que a dois annos não chegava :
«E entendia, e fallava,
«E era já bom latino.
«Respondia, e perguntava :

«Era de maravilhar
«Vêr seu saber e fallar,
«Sendo de vinte e dous mezes !
«Monstro entre portuguezes,
«Para vêr, para notar !

IV.

Sahiu á luz em Lisboa a *Lusitania Restaurada*, na officina de Lourenço d'Anveres, em 1641 em 4.º

E' escripta em oitavas rhytmadas; e consta de cinco cantos, com uma canção e um soneto no fim.

A estas duas ultimas produções poeticas, de que é na lingua italiana o soneto, outorgou-se o primeiro premio na Universidade de Coimbra, no certame poetico dos festejos sumptuosos da restauração.

V.

Eis-aqui as estrophes iniciaes da *Lusitania Restaurada*, dirigida a seu restaurador el-rei D. João o IV, nosso senhor :

«Não canto as armas; a concordia canto,
 «E o varão que a preciosa liberdade
 «Da amada patria, com geral espanto,
 «Redimiu da tyranna crueldade.
 «Nunca heroe memoravel obrou tanto;
 «Nunca musa aspirou á eternidade
 «Com tal acção:— que admira o hemispherio
 «Triumphar sem guerra, e conquistar o imperio!

«Ardua empreza tomou minha confiança,
 «Em que a arte treme, quanto atreve o ingenho!
 «Muito farei, se meu accento alcança
 «De tam grande promessa ao desempenho!
 «Mas minha presumpção, minha esperança,
 «Em teu favor, ó Eterna Musa, tenho:
 «Inspira-me copiosa; dá-me altiva
 «Uma idea immortal, uma arte viva.

VI.

Sahiu á luz em Ruam o *Phenix da Lusitania*, na officina de Lourenço Maurry, em 1649 em 4.º

E' escripto em oitavas rhytmadas; e consta de dez cantos com o nome de *livros*.

Tem uma *portada gravada*, allusiva ao renascimento cinerario da ave phenix, coroada com o brasão das nossas quinas, sustentadas dos lados com *dois tenentes sentados*.

Em frente da *dedicatoria* a Gaspar de Faria Severim, secretario d'estado ultramarino, acha-se o retrato laureado do auctor, com physionomia de respeito e veneração.

Não é no entanto esta a collocação unica nos exemplares.

VII.

Eis-aqui as estrophes iniciaes do *Phenix da Lusitania*, ou *aclamação do serenissimo rei de Portugal D. João IV do nome* :

«Eu que cantei do Gran Doutor d'Aquino
 «As virtudes com gloria sublimadas,
 «O zêlo em Deus, heroico e peregrino,
 «As sciencias do ceo avantajadas;
 —«A Mystica União de Deus Benigno;
 —«Do Insulano as glorias signaladas;
 —«Do Quarto João, que deu ao mundo espanto,
 «Alta restauração, grandezas canto.

«Canto d'aquelle Principe Eneuberto,
 «De Deus nas piedades declarado:
 «Que—quanto pareceu ao mundo incerto—
 «Tanto foi por legitimo acclamado:
 —«O que a Prosapia Real cifra ao certo,
 «Traz do decimo-sexto attenuado:
 —«O que mostra, com gloria soberana,
 «Ser Phenix da Progenie Lusitana!

Do nosso Vicente de Gusmão—formado em Coimbra em jurisprudencia canonica, e fallecido cremita de calção de Sancto Agostinho com o nome de Fr. Vicente de S. José—lembra-se respeitoso o nosso Padre João Soares de Brito, na sua muito estimada *Apologia de Camões*, publicada em 4.º em Lisboa em 1641, e muito rara na actualidade.

Eis-aqui o contexto alludido, extrahido da *Resposta á Censura XVIII*, na pag. 57. v.:

....«Vicente de Gusmão Soares, em cujos estudos luziu com emulação o ser-
 «rio da jurisprudencia, em que dá que imitar a muitos—e o florido das boas-
 «letras, em que se deixa competir de poucos—acreditando a fertilidade de seu
 «engenho com a erudição e boa vea de seus versos, e com a brandura de suas
 «poesias—como confirmarão varias obras, que sua modestia dilata divulgar na
 «estampa, as quaes—se me não engano—merecem dos primeiros logares no thea-
 «tro dos mais acreditados».

Do nosso Manuel Thomaz, sahido da patria Guimarães para a ilha da Ma-
 deira—onde vivêra a maior parte da vida, e fôra assassinado violentamente aos
 80 annos d'idade—lembra-se entusiasta o nosso D. Francisco Manuel de Mello,
 nas suas muito raras *Obras Metricas*, dadas á luz em Leon de França,
 em 1665 em 4.º

Eis-aqui a menção alludida, transcripta da *Tuba de Calliops*, *Soneto LXXVII*:

«O' duas vezes Ciane venerando
 «Dos olhos, dos ouvidos, que enriqueces!
 «Não sei onde em mais credito florees;
 «Se no que vás vivendo, ou vás cantando.
 «Quando te vejo, admiro-me: mas quando
 «Te escuto, em tanto applauso e fama cresces,
 «Que os dobrados affectos que mereces,
 «A quaes subirão mais, vêm duvidando.
 «Pois que conta farei, se a urbanidade
 «Contar; e se contar quantas doutrinas
 «Repertes d'um riquissimo thesouro?
 «Ora vive; e da fama fazê idade,
 «Que vivas nas edades peregrinas
 «Com idade de prata, e penna d'omro.

Na penultima estrophe do ultimo canto da *Lusitania Restaurada*, diz as-
 sim o poeta ao rei que decanta:

«Esta mão, Grande Rei, que pela idea
 «A vossa culto toda dedicada
 «Vos escreve os triumphos, que Ulysses
 «Ronde á vossa coroa restaurada;
 «Se do feroso Marte, ou justa Astrea,
 «Lhe commetterdes a valente espada;
 «Vercis, como servindo-vos, robusta
 «A vibra forte, ou a sustenta justa.

Nas estrophes ante-penultima e ultima do canto final do *Phenix da Lusitania*, diz assim tambem o poeta ao rei decantado:

«Eu que servi na flôr da mocidade,
«Com varias linguas, Vosso Sceptro Regio;
«Vos canto, ó Phenix, na maior idade,
«Com canto—só no amor—alto e egregio.

.....
«Espero que do ceo, sendo animada,
«Tenha o mundo de vós unica historia:
«Porque só n'elle, Phenix conhecido,
«Tenhaes com Jove imperio dividido.

Embebecidos no enthusiasmo dos nossos dois epopaicos do seculo da nossa Restauração, resta-nos a nós imital-os sempre como filhos d'esta patria abençoada—exclamando uni-sonos ante o rei que nos rege os destinos, com esta *quadrá* do nosso Luiz de Camões, na *oitava X do Cant. I. dos LUSIADAS*:

«Ouvi: vereis o nome engrandecido
«D'aquelles de quem sois senhor superno:
«E julgareis qual é mais excellente,
«Se ser do mundo rei, se de tal gente!

PEREIRA-CALDAS.

REMINISCENCIAS DA PATRIA

(No album do snr. D. Luiz Blanco)

N'alma a patria conservo e na memoria.

P.º Macedo, *Oriente*, C. VI., E. 17.

«Recordo com prazer, n'esta nitida pagina, a conversa que tivemos ha dias, á sombra d'aquella formosissima palmeira que nos dava sombra amiga, contra os raios ardentes d'este sol tropical.

«Ambos estrangeiros em terra americana, vós filho das Hespanhas e eu de Portugal, cada um de nós fallava da patria com o entranhado amor que nasce com a vida, e mais se acrisola ao fogo lento da saudade, e mais se fortifica com a separação e a distancia.

«Com o enthusiasmo a que se presta a vossa energica linguagem hespanhola engrandecieis as glorias da vossa patria; com a suavidade da lingua portugueza commemorava eu as glorias da minha.

«Com os vossos heroes, os vossos navegadores, os vossos campeões, os vossos poetas, os vossos cavalleiros, defrontei eu os meus. A's vossas instituições, e ás vossas liberdades, oppuz as minhas. A' vossa civilisação e á vossa historia, respondi com a historia portugueza.

«Não vos doeu o animo do confronto, porque sois forte; não vos sentieis humilhado, porque sois justo.

«Ao cabo de tanto fallar na patria, parecia-nos que mais prezos estavamos a ella: —vós á vossa Hespanha; eu ao meu Portugal.

«Apertamos a mão em signal de boa amizade, como os cavalleiros da idade média a sellavam pelas cruces das suas espadas.

«Vós saudastes a grandeza da Hespanha; eu a independencia de Portugal.

«Estavam convosco em espirito todos os vossos compatriotas; estavam comigo em espirito todos os portuguezes espalhados por esse mundo que foi d'elles...

«Vós, fortes e grandes! — Nós, livres e independentes.

«Assim — sim.

«Se não — NAO.

FERNANDO CASTIÇO.

AO TEMPLO

*Prodigio é este, que na humana historia
Igual não teve, nem terá na gloria.*

P.^o Macedo, Oriente, C. XII., E. 32.

Do orgão sôa a voz; sob a sagrada cupula
Eleva-se a alma a Deus nos vãos da oração;
E um reino, resgatado, em pé sobre dois seculos,
Alça os braços ao Céu, celebra a redempção.

E' justo esse festim. Uma nação indómita
Já não sepulta a fronte em luctuoso dó;
Juntou á propria historia a mais brilhante pagina,
E — «sou livre!» escreveu das oppressões no pó.

Regenerou-se o escravo. Erguendo-se com impeto,
Tritura no caminho um sceptro collossal,
E arroja, por tropheos as lascas do ergastulo,
Chumbadas n'essa algema imposta a Portugal.

Committimento heroico, eu te saúdo em extasi!
Ao templo! e eleva, ó povo, o incenso e as orações,
Vae as graças depôr, humilde, aos pés do Altissimo
D'onde dimana a força e a vida das nações.

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA

—•••••

SALVÊ, PATRIA!

*Mais que outr'ora a Israel, reino exaltado
Um Deus ao povo portuguez destina.*

P.^o Macedo, Oriente, C. XII., E. 26.

Quando um povo tem inscripto no coração — Deus e Patria; quando um povo sabe quebrar as algemas, para as fundir em ballas contra os oppressores; quando um povo sabe levantar, com valentia e coragem e honra, o pendão nacional, — esse povo não morre, vive.

Foi assim o Portugal de 1640. — Foi uma epopeia.

A luz do alto desceu sobre aquelles heroes.

Não recuaram; avançaram.

Não deram um passo nas trevas; viram a luz, e foram-se para ella.

O clarão dos combates era o facho da sua aurora.

O estrondear da artilheria era o cantico dos seus amores.

A Patria estava em pé.

De campo a campo, de outeiro a outeiro, de monte a monte, de praia a praia ouvia-se o retintin das armas e canções patrioticas.

Vida ou morte, sol ou trevas, honra ou deshonra, liberdade ou escravidão, é o que ia resolver-se á ponta da bayoneta.

E foram e venceram.

Os despotas ficaram no alcaçar de Madrid.

Os libertadores nos paços de Lisboa.

Debaixo d'este céu puro, não cabia a servidão, soava bem a liberdade.

A liberdade não era uma palavra vã; era um tropheo, era uma gloria, era uma redempção, era a vida da Patria. — Pelejaram todos por ella.

Manhã de jubilos foi, em que todos se abraçaram livres ;—livres para se amarem, livres para morrerem.

Era a justiça dos povos sobre os reis.

Era o gladio do archanjo sobre os despotas.

Era a consciencia de um povo nas mais subidas horas de soffrimento.

Salvè, Portugal de 1640!

Estão em pó as ossadas dos teus heroes, mas os filhos d'este seculo erguem-se hoje com respeito diante d'essas reliquias venerandas.

Hoje, como então, ainda ha peitos portuguezes, onde pulsa o santo amor da Patria. Hoje, como então, ainda ha sacerdotes e cavalleiros e damas e povo, que ha de saber defender, nas horas de perigo, a liberdade que nos legastes, a independencia que cravastes n'este solo.

Hoje, como então, o espirito nacional, forte e vigoroso, repelle as caricias dos que nos tentam, e a força bruta dos que nos ameaçam.

Queremos muito á liberdade santissima de nossos antepassados. Sympathizamos com ella.

E' muito nossa.

E d'aqui bradamos a todos os povos da terra, que se debatem ainda nos ferros da servidão:—Sêde livres ou morrei. Nós, que somos vossos irmãos, queremos para vós a mesma gloria e a mesma liberdade.

Saudae hoje a nossa bandeira, que amanhã saudaremos a vossa.

Salvè, ó Patria!

Salvè, ó Terras de Liberdade.

M. DE CARVALHO

A RESTAURAÇÃO

*Assumpto sublimado
Digno de verso allissimo e divino,
Digno de ser cantado
Na aurea lyra do excelso Venusiano.*

Dias Gomes, Obr. Poet. Od. I, E. 2.

Exulta, Portugal, mira-te ufano
No espelho do passado! Exulta, exulta,
Complexo de gigantes, vulto enorme,
Cujos braços possantes se atreveram
A arvorar ainda alem da Taprobana
O lábaro das Quinas, esse lábaro
Que aos pés te fez cahir milhões de escravos,
Glorioso escabello do teu throno.
Diga-o d'Affonso a espada omnipotente,
D'Ourique sobre o plaino, immerso em sangue.
Diga-o Aljubarrota, Montes-Claros,
E o—hoje—de ha dois seculos, que ainda inflama
Em nossos corações o entusiasmo,
Vendo aos pés desthronado, ardendo em colera,
O soberbo leão da torva Hespanha,
Em cujo ouvido tímido retumbam,
Qual medonho trovão que atrôa os montes,
D'Almada e nome, o nome d'um Coutinho,
Pinto Ribeiro, o Almeida, o Cunha, os Mellos,
E mil outros heroes, que a um sopro argueram
Sobre a vencida Hespanha o Lusa throno.

BALTHAZAR WERNECK

PATRIA

*D' este prodigio insolito a memoria
De bocca em bocca pelos povos voa.*

P.º Macedo, *Oriente*, C. IX., E. 102.

Crepita ainda no lar a chamma luminosa, que irradia de todos os seios e de todos os amores para o eterno abraço da familia portugueza.

Não se apaga o sagrado fogo nas urnas de oiro das vestaes formosas.

Hoje, esparsos os cabellos na tunica, marchetada de estrellas, erguem com a sua mão feminilmente vigorosa a ignea bandeira, em cujo lemma as crianças e os velhos, absortos no extasi divino, que acende o coração, enraizado ao solo da patria, descobrem um passado glorioso, e um futuro vagamente desenhado nos raios da alvorada, como a columna de fogo, a sarça ardente, no caminho da terra da Promissão.

Bem hajam as mães, que alimentam os filhos com o sangue generoso e puro, que pede calor e vida ao ceu da patria; bem hajam os filhos, que espalham as lagrimas e as flores, as saudades e as esperanças—na terra de seus paes.

GUIMARÃES FONSECA.

INDEPENDENCIA

*Verdade augusta, que me pezas n'alma,
Assalta em borbotões ao vulto, aos labios.*

João Evangelista, *Poesias*, Od. Heroica.

N'esses paizes de poesia ardente
onde ha perfumes, e calor e feras;
e, atravez da folhagem transparente,
passam, rindo e brincando, as primaveras;

onde estanceia a tribu do selvagem
de olhar feroz e de arco retesado;
onde um palmo de terra é uma voragem;
onde murmura um vento envenenado;

onde uma rocha negra e solitaria,
que se pendura de alcantis medonhos,
é como que uma loisa funeraria,
que nos eleva á região dos sonhos;

onde o ar é fatal e deleterio,
e rugem miserandos fanatismos;
onde o terror estende o seu imperio
no mar, nas cordilheiras, nos abysmos;

n'essa região phantastica, impossivel,
profunda, sensual, abrasadora,
onde é tudo tão vasto, indefenivel,
como esse Deus que a humanidade implora;

um povo enorme, colossal, gigante,
que viu a luz na fimbria do Occidente,
gravou uma epopeia deslumbrante,
heroica, magestosa, omnipotente!

Immenso Briareu! cançado, exausto,
adormeceu á sombra das palmeiras,
embalado nas vagas de aureo fausto
e soluçando umas canções guerreiras.

Ao despertar de somno tão profundo
lançou em derredor olhar incerto,
e viu a c'roa, que assombrára o mundo,
abysmada n'areia do deserto!

E ao longe faiscavam de ironia
os olhos do carrasco das Hespanhas,
craneo ardente — que tudo escurecia —
feito de coisas singulares, estranhas.

.

Tempos depois, as quinas ondeantes
envolviam-se em crepes funerarios,
em quanto as cinzas dos heroes gigantes
tremiam nos enormes cinerarios.

Sumia-se na curva do horisonte
a paysagem brilhante do passado. . .
e a Historia, a deusa de enrugada fronte,
no ceu poisava o seu olhar magoado!

Agitava-se a côma da floresta,
e tinha o povo um canto doloroso,
a nobreza movia a fronte mesta,
bramia ao longe o mar impetuoso. . .

Como á voz de Jesus se erguera out'ora
da podridão da terra o irmão de Martha;
ou como se levanta a luz da aurora
quando o astro diurno a treva aparta;

assim tambem ao grito: — Independencia! —
este povo se ergueu da sepultura,
espancando a profunda somnolencia
que maculára a sua historia pura.

Hoje, robusto e forte, embora velho,
um novo sol a face lhe illumina:
traduz o seu esplendido Evangelho
nas escholae, no campo, na officina.

RECORDAÇÃO PATRIOTICA

*E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.*

Camões, *Lusiadas*, C. I., E. 10

Ao sol brilhante de Ourique desfaldára ovante, pela primeira vez, a bandeira sacrosanta das Quinas.

Por entre mil cantos de victoria, proclamaram os portuguezes do seculo XII a independencia nacional.

A corôa confiada á guarda dos venerandos monges de Lervão, foi n'esse dia solemne da nossa patria, adornar a fronte juvenil do moço principe Affonso Henriques.

Com as espadas nuas e alçadas, os corações frementes de enthusiasmo, e as almas radiantes de alegria, os nobres lidadores da nossa autonomia, saudaram ao valente filho do Conde Henrique, como rei de Portugal.

A divisa—*in hoc signo vinces*—de Constantino, o signal da nossa redempção, foi pela primeira vez estampado na bandeira nacional como nação livre.

E desde esse dia memoravel nos fastos portuguezes, quantos triumphos, quantas palmas de victoria e quantos louros não vieram a adornar o escudo lusitano!

Ahi está a memorar os feitos de nossos antepassados em tuba épica e sonora o livro mais nacional, e mais nascido d'alma, que um poeta nos seus enthusiasmos patrióticos podia escrever—os *Lusiadas*.

E depois de firmada a independencia, quando os portuguezes viram que era estreita a facha de terra, que do poente lhe servia o oceano de barreira, foram ás terras d'alem-mar, colher ainda novos louros para engrinaldar as Quinas sagradas da patria.

Quando os nossos galeões sulcando mares desconhecidos lutaram muitas vezes com a furia dos elementos, e com as vagas alterosas, que os parecia querer tragar, os nossos navegadores em pé, ao clarão sinistro dos relampagos e ao estrondo pavoroso do trovão, como que desafiando a tempestade, clamavam elles por entre o sibilar do vento nas enxarcias, á valente marinagem:—A patria tem os olhos fitos em nós, e se ora nos estala por cima da cabeça o ronco horrisono do trovão, se nos alumia o fuzilar do raio, amanhã, talvez possamos mandar á patria, mais uma joia preciosa, que vá adornar a corôa de nossos reis.

E chegaram! e venceram! E dessa coragem inexcedivel, nasceu o podermos dizer ao mundo:

Quem abriu á Europa as portas do Oriente?

Quem levou á Africa, á Asia e á America a luz da civilisação?

Quem primeiro disse aos povos submersos nas trevas da ignorancia, que a cruz de Christo era o symbolo do resgate da humanidade, e que só della provinha a verdadeira liberdade?

Que nações produziram mais esclarecidos varões nas armas, nas letras e na navegação?

Que nomes podem offuscar, entre outros, os de D. João 1.^o, Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Almeida, e Camões?

Em caracteres de ouro no templo da immortalidade, estão escriptas as gentilezas de valor d'este nobre, altivo e generoso povo.

E não terá direito á sua autonomia uma terra, que tão gloriosos feitos conta?

Se um dia pesara sobre a nação o jugo estranho, nem por isso ella dobrou a cerviz; e prova-o os carcereiros que se abriram para receberem em seus antros os heroes «d'antes quebrar que torcer».

Mas quando em 1640 o sol da liberdade raiara nas cumiadas de nossos montes, este povo soube sustentar uma luta pelo espaço de vinte e oito annos, que

prova á evidencia, que não é muitas vezes o numero, mas a união e o amor da liberdade que sustentam as nacionalidades.

Hoje, que os tempos mudaram, Portugal não tem ficado indifferente á luz da civilisação, e abraçado ao novo codido social, proclama pela voz de seus generosos filhos—Deus, Patria e Liberdade.

SOARES ROMEO JUNIOR.

A LIBERDADE

Nobre brazão do lusitano imperio.

P.^o Macedo, *Oriente*, C. VI., E. I.

Abrem-se-lhe álas sempre que ella passa,
Curvam-se ante ella os povos reverentes,
Como ante a Cruz a multidão dos Crentes,
Quando lhes chove o Ceu alguma graça.

Leva d'um lado um sol que não se embaça,
Que em raios d'ouro, vivos, refulgentes,
Despedaça grilhões, duras correntes,
Que as algemas d'escravos despedaça.

Leva d'outro o luzeiro do Progresso,
Como cortejo d'aurea claridade,
Ao templo da virtude abrindo o ingresso.

Uns chamam-lhe Vestal, outros Deidade;
Não tem nome, porem, de mais apreço:—
É sempre e em toda a parte = a Liberdade!

ALFREDO CAMPOS.

PATRIA E LIBERDADE

*Teu nome em novo canto, alto e subido
Será do globo nos confins ouvido.*

P.^o Macedo, *Oriente*, C. XII., E. 110.

As aureas paginas da lusa historia apresentam-nos factos tam esplendidos, apontam-nos feitos tam heroicos e gigantescos, que cheios d'orgulho podemos exclaimar com um dos nossos poetas:

«quem sente orgulho no peito
«de se chamar portuguez»

arrosta com heroismo as luctas athleticas em que se empenha, trabalhando com amor e coragem na obra da sua independencia.

Lá, no berço da monarchia, quando os peitos guerreiros dos primitivos heroes eram muralhas invenciveis contra os arietes das hordas estrangeiras, já a historia nos dá os vultos leaes de Egas Moniz, Fuas Roupinho e Gonçalo Mendes da Maia. Portuguezes valentes, raças apuradas nos recontros d'Ourique, vão na serie dos lusos reis dar novo brilho á historia que havia de dar a este povo de heroes um logar superior na fileira dos martyres.

Ao desfaldar-se o sacrosanto pendão das Quinas, as bandeiras castelhanas rojavam-se no pó, e no accezo da peleja as armas arremessadas pelo valor dos portuguezes eram semente de morte no campo dos inimigos.

Que o digam Hecha-Martins, Aben-Jacob, Alibohem, Ismario e todos quantos se atreveram a olhar com olhos curiosos este abençoado torrão!

Que o attaste o campo d'Ourique, a tomada de Santarem, a de Lisboa, Palmella, Leiria, Alcacer, Beja, Evora..., não podem ter conta as glorias lusitanas.

E depois no decorrer dos tempos, no reinado dos outros reis, que não empunhavam o sceptro para unicamente terem as adulações dos cortezãos, que feitos e acções, que commettimentos não elevaram o nome lusitano?... Haverá historia d'algun povo que nos dê os vultos leaes e corajosos de Martin de Freitas, do Mestre d'Aviz, de João das Regras, de Nuno Alvares Pereira, de Bartholomeu Dias, de Vasco da Gama, de Affonso d'Albuquerque, de Pedro Alvares Cabral, de D. João de Menezes, de Nuno da Cunha, de Martin de Sousa, de D. João de Castro?...

Haverá algum povo que, como nós, alargasse os seus dominios, abraçando a Europa, estreitando a Asia, subjugando a Africa, dando leis na America, fazendo tributarios milhões de povos, tendo, enfim, o mundo por throno?...

Arzila e Tanger, o cabo da Boa Esperança, Azamor, Ormuz, Goa, Malacca, a descoberta do Brazil, tudo isto são outras tantas perolas engastadas no diadema brilhante que exorna a cabeça do povo portuguez: e se nos adustos plainos d' Africa a imprudencia o perdeu... perder não... que o valor e o heroismo nunca deixarão d'acompanhar o homem

que sente orgúlho no peito
de se chamar portuguez.

A inexperiencia d'um monarcha a quem os falsos conselheiros perverteram, lá n'esse solo abrazeado d' Africa, onde não ha aromas nem poesia, onde o sol não tem o encanto dos dias de primavera e a brisa não dá osculos de perfumes, onde escasseam os poeticos crepusculos, as auroras divinaes, os risos do ceu e todos esses encantos com que a Providencia enriqueceu este nosso pequenino torrão, torrão por mritos blasphemado, mas que todos almejam possuir, n'esses plainos adustos, digo, onde o sol queima e o *simoom* esterilisa, soffremos essa dor intensa, essa agonia dilacerante, essa perda que enlutou um povo, que deitando-se no leito da independencia acordou nos carceres da escravidão, d'um povo que sacudindo sempre os tyrannos, começava a ver a gargalheira que o havia de arroxear, de o manietar, de o tornar escravo.

Mas o soffrimento havia de ter limite; á noite polar havia de succeder a aurora da bonança; o carcere das trevas havia de transformar-se em templo de luz; ás agonias lentas oppor-se-hia a consolação repentina—no Golgotha do soffrer arvorar-se-hia a cruz do resgate, e então... ai dos tyrannos, ai dos oppresores, ai dos verdugos!

.....

A dominação castelhana que por 60 annos vexou este povo d' heroes, os abusos e as prepotencias que se estendiam como ferro em brasa para mortificar os portuguezes, havia de dispersar-se como outr'ora se dispersaram as fileiras mouriscas que avassalavam a Lusitania. Eram ponderosas as causas que affligiam os portuguezes; o atroz despotismo hespanhol cazado com as vexações d'esse portuguez degenerado, d'esse secretario miseravel que esquecendo os titulos que o adornavam se arvorou em carrasco detestavel, prepararam essa revolução valorosa, que é como que um sorriso, uma esplendida alvorada nos fastos da nação portugueza.

O brio e o heroismo incarnaram-se n'um homem, que, coadjuvado por mais alguns portuguezes de fina tempera, operaram essa revolução esplendida que tinha um fim santissimo—o de libertar a patria.

E libertaram-a.

João Pinto Ribeiro, é a ti valente caudilho d'essa epopeia gloriosa, é a ti denominado campeão d'essa cruzada prestimosa que nós, os filhos de Portugal, devemos a nossa redempção politica.

E em duas horas, Portugal estava livre dos vexames que o atormentavam. Que denodados heroes! Que bravura! Que patriotismo!

Salvè, pois, 1 de Dezembro! Completam-se hoje 236 annos que nós podemos haster o pendão das Quinas, esse pendão gloriosissimo ante o qual se abateram as aguias romanas, asmeias luas musulmanas, e os pavilhões de innumerous povos:—completam-se hoje 236 annos que nós, valentes como só o podem ser os filhos de Portugal, sacudimos a tyrannia e o despotismo.

E se algum dia os extranhos se nos queiram impôr como senhores, lutemos, lutemos sempre em favor da nossa independencia; e se morrermos no combate seja a bandeira nacional a nossa mortalha, e o ultimo arranco um grito em favor da Patria e da Liberdade.

FIRMINO PEREIRA.

NO ANNIVERSARIO DA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Favorece a fortuna a lusa gloria.

Correia de Mello, Joanneida, Cant. X. E. 133.

Gemendo triste sob um jugo bárbaro
Vivia oppressa a lusitana grei;
Mas Deus que vela, castigando os réprobos,
A' mesta Lysia dá de Lysia um rei.

ANTONIO MARIA DA FONSECA

ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO IV EM BRAGA

*A noticia da grande novidade
Amolina de Braga os moradores*

Gritando PORTUGAL e LIBERDADE!

Correia de Mello—Joanneida,
Cant. X. Oit. 48.

I.

Acclamado em Lisboa o rei D. João IV em 1 de Dezembro de 1640 — n'um sabbado pelas 9 horas da manhã — em breve se alvoraçára o paiz inteiro, *no curto espaço d'uns 15 dias*, a imitar o exemplo heroico da capital.

Não é por isso de maravilhar, que os nossos maiores olhassem para esta occorrença feliz, como para um prodigio da mão do Altissimo — applicando então ao caso este dicto do Psalmista, no PS. 76. v. 11: — *Hæc mutatio dexterae Excelsi est.*

II.

Das povoações do nosso Minho, foi uma das primeiras no enthusiasmo a cidade de Braga — com sobrado fervor para não ser antecedida de ninguem.

Rompeu festivosa nos seus applausos patrioticos, apenas lhe entraram no recinto as «cartas officiaes» dos arcebispos governadores do reino — aguardadas d'ella com anciosos anhelos.

Na delonga forçada até então—filha ceremoniosa das [exigencias do estylo—gravoso lhe fôra o reprezamento do enthusiasmo, em homenagem ao rei e á patria.

III.

Ao entrar nas ruas d'esta cidade o Dr. Domingos Correa d'Abreu, em caminho do Porto com os seus familiares, não o acompanhou Braga em applausos officiaes desde logo, por não ser apropriada a occasião para a solemnidade do acto.

Acompanhou-o no entanto, não so nos vivas calorosos ao rei D. João IV, como nos vivas ardentes á independencia da nação: — e pareceram-lhe seculos de demora, as horas que decorreram até o alvorecer do dia dia seguinte.

IV.

Rompidas n'essa occasião pelo sol as barreiras do horizonte, accorreu Braga em pêzo a expandir-se em regosijo, na fórma das exigencias da solemnidade official.

Coube então á classe escholar bracarense — respeitavel e veneranda — a iniciativa dos applausos do estylo.

D'accôrdo com os professores que a leccionavam — e com aprazimento pleno d'elles — fez repicar os sinos do collegio da Companhia de Jesus, no Largo de S. Paulo, começando por dar o signal no sino do relógio.

Eram então os estudos publicos de Braga n'esta casa conventual, occupada na actualidade com religiosas Ursulinas desde 1785 — a requerimento de D. Luiza Maria das Chagas a D. Maria I.

V.

Conforme um brasão collocado no *geral dos casos*, parece dever-se ao arcebispo D. Diogo de Sousa — o reformador e o ampliador de Braga — a «edificação inicial» d'esta casa religiosa. — Occupou este prelado a séde bracarense entre 1505 e 1532.

O que é certo, é que foi elle o primeiro, que fundára estudos publicos em Braga.

D. Henrique, arcebispo, cardeal, e rei — occupador da cadeira primaz entre 1533 e 1540 — deu-lhes professores para o ensino. — O arcebispo D. Fr. Balthazar Limpo, archidiocesano bracarense entre 1550 e 1558, assignou-lhes proventos convenientes. — O arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, occupador da cadeira prelatia entre 1559 e 1590, deu estes estudos publicos aos Padres Jesuitas.

VI.

Começados que foram no collegio os repiques dos sinos, repetiram-nos para logo os sinos da sé cathedral: — e continuaram-nos após elles os demais sinos das egrejas da cidade, na fórma do estylo costumado.

Não se faltava então ás formalidades usuaes.

VII.

A classe escholar, acompanhada de sequito numeroso de povo, percorreu enthusiasmada as praças e as ruas, dando vivas á independencia da patria — desacorrentada dos grilhões oppressores da dynastia dos Philippes.

No meio d'estes vivas estrepitosos, eram sem conta os levantados ao rei D. João IV — sahidos dos labios juvenis dos escholares, e acolhidos do povo de Braga com egual enthusiasmo.

VIII.

Os ecclesiasticos da cidade — com os nobres, e os seculares grados — mis-

turaram-se com regosijo entre a classe escholar e o povo; e tomaram parte cordial e sincera nos applausos communs.

A esta immensidade de bracarenses patriotas — capitaneados pela juventude escholastica — cresceu por ultimo o senado municipal, levando nas mãos o estandarte da camara o alcaide-mór, que era então Constantino da Cunha Sotomaior.

IX.

Terminado este dia com demonstrações extraordinarios de regosijo, tomaram tambem parte no dia seguinte — no enthusiasmo geral bracarense — os prezos do castello e do aljube no meio da cidade.

Deu-lhes para isso liberdade a Relação, em commemoração da heroicidade de Lisboa, e dos applausos calorosos de Braga.

X.

A corporação do cabido bracarense — respeitavel e veneranda — fez tambem n'esta occasião, com apparatus sumptuoso, uma procissão solemne em acção de graças

Dando a Deus o que era de Deus, e a Cesar o que era de Cesar, deixou maravilhada com ella a cidade, que a acompanhou com summa reverencia, como tymbradora proverbial nos actos do culto.

XI.

Encerraram-se estes regosijos bracarenses — nascidos do amor indelevel da patria — com um *alardo lustroso* da classe escholar.

Foi apparatuso como era d'esperar de corações juvenis — primores de galhardia civica — arrobada em aureolas electricas de patriotismo.

Com elle deram mostras ao publico — estes nossos filhos das letras — que lhes transbordava no coração, com animos varonis, o anhelos de pelejar pelo rei e pela patria: — affecto sacro-sancto d'alma, digno da juventude escholastica, esperança lisongeira do porvir em todos os tempos!

XII.

Na *Restauração de Portugal Prodigiosa* — escripta pelo Padre Jesuita João de Vasconcellos, e publicada com o pseudónimo do Dr. Gregorio d'Almeida — acharão em summa os curiosos, o que n'estas linhas deixamos exposto.

O Padre Vasconcellos — nascido em Leiria em 1592, e fallecido em Coimbra em 1661 — foi Reitor da Ordem nos collegios de Braga, Santarem, Porto, e Coimbra: e foi ali testemunhador ocular das occorrencias do paiz na sua epocha.

Pereira-Caldas.

 DEPOIS DA SOMBRA :

*Surgiu entanto no horisonte o dia
Pelos Decretos eternos marcado.*

P.^o Macedo, Oriente. C. XII, E. 112.

Que doce, immenso jubilo!
Ergue-te Patria, agora...
sauda a eterna aurora
n'um cantico d'amor.

Passam em vão os seculos:
odia d'hoje é grande,
a alma se nos expande
ao novo resplendor.

Ai! sessenta annos victima,
 ó Patria, do estrangeiro,
 o negro captivo
 soffreste, Portugal.
 Viras, ó povo misero,
 sumida a tua gloria,
 desfeita a tua historia,
 o teu genio immortal.

Que triste noite lugubre
 aquelles sessenta annos!
 que negros desenganos!
 que lagrimas cruéis!
 Os teus brios grandilocos
 curvados sem piedade!
 e morta a liberdade!
 perdidos teus baixéis!

Tu curvado ao despota!
 o teu pendão rasgado!
 o teu pendão sagrado,
 que fora aureo tropheu!
 E o estrangeiro incólume
 pisando audaz, insano,
 o solo lusitano,
 d'este formoso ceu!

Que luto em todos intimo,
 no povo e na nobresa!
 que dias de tristesa!
 que lagrimas sem par!
 Ante o poder insolito,
 que vinha de Castella
 nem uma só estrella!
 só o revoltó mar!

Mas qual sonho phantastico
 povo e nobresa um dia
 ergueu-se. Que energia!
 que nobre galardão!
 Ai! era um esforço unico,
 que tem um povo inteiro;
 ou finda um captivo,
 ou morre co'a nação...

Ergueu-se enfim magnanimo,
 os pés sobre um abysmo,
 fulmina o despotismo,
 á luz d'um novo sol.
 Ao seu valor homerico,
 dos aulicos devassos
 tremem, vacilla', os passos...
 Adeus!... rei hespanhol!...

Erguem festivos canticos;
 quebraram-se as cadeias.
 Que nobres epopeas,
 sorri no campo a flor!
 Passar como de subito
 de escravo sem piedade,
 saudar a liberdade,
 a Patria, a luz, o amor!...

Oh! salvé, astro fulgido,
 facho de eterna gloria,
 revive a tua historia
 n'um fogo perennal.
 —Brademos hoje, altisonos,
 de entusiasmo cheios,
 e escreva-se nos seios:
 —sé livre, Portugal!—

COSTA GOODÓLPHIM.

APPARIÇÃO D'UMA HOSTIA NO CEO EM BRAGA EM 1640

*Para provar não faltou
 O milagre muita gente;
 Que logo a gente jurou,
 Que no ceo viu claramente
 A Hostia que o ceo mostrou.*

Francisco Lopes, *Favores do Ceo*,
 Estr. 11.

Dois casos prodigiosos memoram as nossas historias, que maravilharam a Portugal na restauração de 1640, e afervoraram os nossos passados, na crença da protecção do ceo em seu favor contra a Hispanha.

Foi o primeiro o despregamento do braço da Imagem de Christo em Lisboa, como em signal d'approvação divina da libertação da nossa autonomia, oppressa por 60 annos com as tyrannias dos reis Philippes.

Foi o segundo a apparição d'uma Hostia no firmamento sobre Braga, vista igualmente d'outros pontos distantes, como prova assombrosa da assistencia divina aos nossos arrôjos patrioticos.

Eis-aqui o documento attinente a este prodigio bracarense, transcripto dos *Favores do Ceo* do livreiro lisbonense Francisco Lopes, reimpressos em Braga em 4.º em 1871, com illudações preliminares de meu mano o Dr. Pereira-Caldas, professor do lyceu nacional d'aquella cidade:

«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1641, aos 29 dias do mez de Janeiro do dicto anno, n'esta cidade de Braga, e pousadas do *Reverendo Doutor João d'Abreu da Rocha*, provisor e vigario geral n'esta côrte, e arcebispo de Braga: ahi por *D. Gastão Coutinho*, general d'esta provincia d'Entre Douro e Minho, foi avisado elle Reverendo Provisor, que muitas pessoas, cindo para a parte do Porto acudir a um rebate que n'esta cidade se deu, de que os inimigos vinham para aquella parte, viram uns signaes na lua, nos quaes se representava uma Hostia, e duas figuras humanas que pareciam Anjos; e que elle dicto provisor devia examinar este caso pelas pessoas que o viram, para d'elle se saber a verdade: do que elle Reverendo Doutor mandou fazer este *AUTO* que assignou; e perguntou as testemunhas seguintes. O Padre Simão Alvares, notario apostolico, o escrevi».

Os nomes das pessoas, que juram o conteúdo n'este *AUTO*, são os 16 seguintes:

«O Reverendo Padre João Baptista, cura na sancta sé d'esta cidade, testemunha jurada aos Sanctos Evangelhos: idade, 37 annos.

«O Reverendo Padre Domingos Leitão, morador n'esta cidade, testemunha jurada: idade, 38 annos.

«O Reverendo Padre João de Villas-Boas, morador n'esta cidade, testemunha jurada: idade, 38 annos.

«O Reverendo Padre João Rodrigues, clérigo de missa n'esta cidade, testemunha jurada: idade, 40 annos.

«O Reverendo Padre Manuel Lopes, morador n'esta cidade, testemunha jurada: idade, 45 annos.

«O Reverendo Padre Antonio de Miranda, morador n'esta cidade, testemunha jurada: idade, 28 annos.

«O Reverendo Padre Francisco de Sá, morador n'esta cidade, testemunha jurada: idade, 40 annos.

«O Reverendo Padre João de Guimarães, desembargador da Relação d'esta cidade, e um dos governadores d'este arcebispo, abade da igreja de S. Pedro de Polvoreira, ouvidor que foi n'esta cidade, testemunha jurada: idade, 42 annos.

«Paulo de Brito, morador n'esta cidade, testemunha jurada: idade, 40 annos.

«O Reverendo Padre Ambrosio Rodrigues, da Companhia de Jesus, testemunha jurada: idade, 34 annos.

«O Reverendo Doutor Luiz Alvares Pinto, chantre na sé de Braga, testemunha jurada: idade, 50 annos.

«O Reverendo Padre Fr. Nicolau Cotta, lente de prima no collegio de Nossa Senhora do Populo, testemunha jurada: idade, 34 annos.

«O Reverendo Padre Fr. Manoel da Graça, lente de Theologia no mesmo collegio, testemunha jurada: idade, 40 annos.

«Antonio Soares, mercador e familiar do Sancto Officio, morador n'esta cidade, testemunha jurada: idade, 63 annos.

«O Doutor Bento Cardoso Osorio, abade eleito da igreja de S. Mamede de Negrellos, testemunha jurada: idade, 36 annos.

«O Licenciado Gabriel Pereira de Castro, theologo, testemunha jurada: idade, 22 annos».

Como aos nossos passados os animava uma fé viva no céo, em todos os lances a que se arrojavam em favor da liberdade da patria; foi de Portugal inteiro, olhado este prodigio de Braga, como complemento do outro prodigio de Lisboa.

GUERRAS DA RESTAURAÇÃO

Do portuguez valor ouvi o preço.

Sá de Menezes, *Malaca Conquist.* C. I., E. 4.

Guerra da independencia : De 1640 a 1868.

Reconhecido o novo reino de Portugal pela França, Inglaterra, Hollanda, Dinamarca, Suecia, e Roma; e recebidos auxilios extranhos; Portugal teve de sustentar com a Hispanha a guerra da independencia, que durou 28 annos.

Guerra com os hollandezes: De 1643 a 1654.

Victoriosas foram as armas portuguezas no ultramar. As ilhas ds Athlantico; o reino d'Angola; a provincia do Maranhão, e a de Pernambuco; expulsaram os hollandezes, que nol-as tinham tomado

Antonio F. Barata.

AVE, LIBERTAS!

Lysia só cae, se os mesmos ceos cairem.

João Evangelista, *Poesias*, Od. Epod.

Portugal saúda, justamente hoje, o dia da sua independencia.

Não cabe nos acanhados limites d'este artigo descrever, a largos traços, esse periodo glorioso da nossa historia nacional. Foram muitos os heroes. Por mais de uma vez o grito de liberdade soou, risonho e puro, atravez as ruas da cidade e as montanhas das provincias. Os meos atreitos á guerra animavam-se e cobravam alento no santo ardôr da defeza da patria.

E era mister que assim succedesse. O esforço compensava a exiguidade dos combatentes. Se de lá eram muitos, de cá eram poucos, mas valendo por muitos. Não se tolera impunemente uma imposição de povo estranho. A lenda do *Ahasverus* ha de ser eterna, como eterna ha de ser a historia da emancipação humana.

Portugal tinha direito a vingar-se; mas não se vingou. Foi nobre, foi cavalleiroso, foi bisarro. Unicamente reclamou o que se lhe devia; e n'esse intuito trabalhou serenamente, como quem tem consciencia do que faz, e sem aspirações a guerreiro. Revindicou o seu brasão, até ali em trévas, sem derramamento de sangue; os pergaminhos da sua independencia ficaram illezos; e o paiz, mais uma vez ufano por tão nobre commettimento, exultou de contentamento, exclamando para os que o queriam ouvir:

«E' assim que se trabalha pela independencia da patria!»

Esse facto eloquentissimo não foi apenas uma epopéa memoravel nos fastos da nossa historia, mas ainda mais um incentivo, uma lição aos vindouros de tão denodados atletas.

E' forçoso que não esqueçamos nunca esta data de gloria; e forçoso é ainda mais tambem, que não deixemos de imitar jámais nossos antepassados no sagrado empenho com que defenderam a sua patria, a sua honra e a sua liberdade.

Ave, libertas!

Magalhães Lima.

EXPEDIENTE

Tendo-se recebido tardiamente alguns escriptos allusivos ao dia d'hoje; dar-se-lhes-ha publicação no dia 15, anniversario da Coroação d'el-rei D. João IV.